

CPDoc – CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO ESPÍRITA

O método de estudo de caso e sua aplicação em pesquisa espírita

Versão 3 – setembro de 2005

Mauro de Mesquita Spinola*
Jacira Jacinto da Silva**

RESUMO	2
1 INTRODUÇÃO.....	2
2 AS ABORDAGENS DE PESQUISA CIENTÍFICA	2
2.1 Ciência e ciência espírita.....	3
2.2 Pesquisa e método de pesquisa	6
2.3 Elementos básicos de uma pesquisa.....	8
2.4 Classificação das pesquisas científicas	10
2.4.1 Métodos quantitativos	12
2.4.2 Métodos qualitativos	12
2.4.3 Quando cada estratégia é usada	13
3 O MÉTODO DE ESTUDO DE CASO	14
3.1 "Como" e "por que"	15
3.2 Componentes do método de estudo de caso.....	15
3.3 Limitações do método.....	19
4 EXEMPLO DE PROJETOS DE PESQUISA: ANIMISMO.....	19
4.1 Visão geral	19
4.2 Objetivos	19
4.3 Fundamentos teóricos	19
4.4 Questão e/ou questões de pesquisa	19
4.5 Proposições	19
4.6 Unidade(s) de análise(s).....	19
4.7 Bases para a construção de respostas	19
4.8 Procedimentos de campo	19
5 EXEMPLO DE PROJETOS DE PESQUISA: OBSESSÃO	19
5.1 Visão geral	19
5.2 Objetivos	20
5.3 Fundamentos teóricos	20
5.4 Questão e/ou questões de pesquisa	20
5.5 Proposições	20
5.6 Unidade(s) de análise(s).....	20
5.7 Bases para a construção de respostas	20
5.8 Procedimentos de campo	20
6 CONCLUSÕES.....	20
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

* Engenheiro e professor universitário, participante do CPDoc – Centro de Pesquisa e Documentação Espírita e do Centro de Estudos Espíritas José Herculano Pires, de São Paulo/SP. <mauro@spinola.eng.br>

Resumo

A ciência e a pesquisa científica ganharam, após o período kardequiano, novas e sólidas conceituações. A visão comum de ciência, que claramente influenciou o trabalho de Kardec e dos pesquisadores de seu tempo, está calcada na idéia de que ciência começa por observações e de que estas são neutras. As teorias se formulam por indução, a partir das observações. A visão moderna de ciência não exclui a observação e a indução, mas reconhece suas limitações e dificuldades, e utiliza um conjunto mais amplo de conceitos para formulação e validação de teorias. Os métodos de pesquisa também têm adquirido novas colorações, sobretudo a partir de contribuições das ciências humanas. Podemos classificá-los hoje em métodos quantitativos e qualitativos. Entre estes últimos está o método de estudo de caso, estudado com mais detalhes neste estudo. O principal objetivo é avaliar a sua aplicabilidade em pesquisas espíritas. Como exemplo, uma aplicação em pesquisa sobre animismo é apresentada.

1 Introdução

Este trabalho realiza uma pesquisa bibliográfica sobre os principais métodos de pesquisa e discute sua aplicação na pesquisa espírita, com ênfase no método de estudo de caso.

Os métodos de pesquisa podem ser classificados em quantitativos (também chamados tradicionais) e qualitativos. Entre os métodos qualitativos podemos citar a pesquisa-ação (realizada juntamente com uma ação ou resolução de um problema, e onde os pesquisadores desempenham um papel ativo nessa resolução), e o estudo de caso.

O estudo de caso documenta e analisa a atividade de uma organização ou de um pequeno grupo dentro dela. Estuda situações onde as fronteiras entre o fenômeno e seu contexto não são claras. É utilizado como estratégia quando questões do tipo "como" e "porque" são colocadas, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco é sobre um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real.

Nesta pesquisa o método de estudo de caso recebe atenção especial, sendo apresentado e analisado com maior detalhe. São vistas as suas etapas fundamentais, além de alguns exemplos de aplicação em algumas áreas de pesquisa.

A aplicabilidade deste método em pesquisa espírita é discutida, com ênfase nas vantagens, dificuldades e riscos de sua utilização na área.

O trabalho se encerra com um exemplo de projeto de pesquisa baseado nesse método, cujo foco é o estudo do animismo.

2 As abordagens de pesquisa científica

A proposta de estudo dos métodos de pesquisa e sua aplicação no espiritismo traz a necessidade de retomar conceitos fundamentais, para que fique claro o contexto teórico em que este trabalho se insere. Entre eles, podemos citar ciência, pesquisa e método. Este capítulo apresenta e discute esses conceitos, e sua relação com o espiritismo.

2.1 Ciência e ciência espírita

O conceito de ciência tem progredido e ganho diversificadas colorações nos últimos séculos. Não há hoje uma definição consensual, e há variações de abordagem de acordo com o objeto de estudo. Seguem-se alguns conceitos:^{1,2}

- ♣ [Ander-Egg] *"a ciência é um conjunto de conhecimentos racionais, certos ou prováveis, obtidos metodicamente, sistematizados e verificáveis, que fazem referência a objetos de uma mesma natureza"*,
- ♣ [Trujillo] *"a ciência é todo um conjunto de atitudes e atividades racionais, dirigidas ao sistemático conhecimento com objeto limitado, capaz de ser submetido à verificação"*,
- ♣ [Newton Freire-Maia] *"ciência é um conjunto de descrições, interpretações, teorias, leis, modelos, etc, visando ao conhecimento de uma parcela da realidade, em contínua ampliação e renovação, que resulta da aplicação deliberada de uma metodologia especial (metodologia científica)"*,
- ♣ [Kant] *"ciência é conhecimento universal e necessário, o que tem como corolário o fato de a ciência apoiar-se em princípios, ou seja, afirmações aceitas a priori"*.

Silvio Chibeni mostra que a ciência carrega um forte poder na sociedade moderna: *"Constitui crença generalizada que o conhecimento fornecido pela ciência distingue-se por um grau de certeza alto, desfrutando assim de uma posição privilegiada com relação aos demais tipos de conhecimento (o do homem comum, por exemplo). Teorias, métodos, técnicas, produtos, contam com aprovação geral quando considerados científicos. A autoridade da ciência é evocada amplamente. Indústrias, por exemplo, freqüentemente rotulam de "científicos" processos por meio dos quais fabricam seus produtos, bem como os testes aos quais os submetem. Atividades várias de pesquisa nascentes se auto-qualificam "científicas", buscando afirmar-se: ciências sociais, ciência política, ciência agrária, etc. Essa atitude de veneração frente à ciência deve-se, em grande parte, ao extraordinário sucesso prático alcançado pela física, pela química e pela biologia, principalmente. Assume-se, implícita ou explicitamente, que por detrás desse sucesso existe um "método" especial, uma "receita" que, quando seguida, redunde em conhecimento certo, seguro."*³

Chibeni diferencia o que chama de visão comum da ciência do que denomina visão contemporânea, baseada esta sobretudo nas idéias de Lakatos. Para Chibeni, a visão comum tem as seguintes pressuposições centrais:

- ♣ a) A ciência começa por observações.
- ♣ b) As observações são neutras. (*"A mente do cientista deve estar limpa de todas as idéias que adquiriu dos seus educadores, dos teólogos, dos filósofos, dos cientistas; ele não deve ter nada em vista, a não ser a observação pura"*.⁴)
- ♣ c) Indução (generalização da experiência: obtenção de proposições gerais - como as leis científicas - a partir de proposições particulares - como os relatos observacionais).

¹ Paulo Lee. Ciência versus pseudociência. p. 32.

² Alberto Mesquita Filho. A ciência e seus princípios.

³ Silvio Chibeni. O que é ciência.

⁴ Idem. Ibidem.

Esta visão teve clara influência sobre o trabalho de Kardec. Chibeni apresenta algumas objeções ela. Começa pelo questionamento lógico da validade do processo indutivo: "*nenhum conjunto de observações de incineração de pedaços de papel, por maior e mais variado que seja, é suficiente para justificar logicamente a lei segundo a qual todo papel é combustível*". Ele mostra que houve, em função dessa dificuldade, uma reformulação dos objetivos empiristas, visando determinar condições nas quais o salto indutivo seja feito da maneira mais segura possível:

- ♣ o número de observações de um dado fenômeno deve ser grande,
- ♣ deve-se variar amplamente as condições em que o fenômeno se produz, e
- ♣ não deve existir nenhuma contra-evidência, isto é, observação que contrarie a lei.

Chibeni levanta também questões sobre as pressuposições "a" (começar por observações) e "b" (neutralidade): lembra que há notáveis descobertas da ciência motivadas por fatores não-empíricos e que "*o cientista, quando vai ao laboratório, sempre tem uma idéia, ainda que provisória e reformulável, do que deve ou não ser observado, controlado, variado*".

Contribuição importante foi dada por Popper, que estabeleceu o princípio da falseabilidade (a cientificidade de uma teoria residiria, não em sua impossível prova a partir de uma base empírica, mas em sua refutabilidade)⁵. Chibeni e outros estudiosos reconhecem o significativo avanço desse conceito, mas levantam outras limitações, sobretudo a constatação histórica de que uma refutação não tem sido suficiente para derrubar uma teoria, pois fatores diversos que envolvem o problema – medições falhas, por exemplo – podem ser supostos. Essas suposições podem vir a se confirmar com o tempo. As limitações do princípio da falseabilidade e as objeções ao empirismo motivaram, a partir do aperfeiçoamento e crítica das teses popperianas, o aparecimento de outras concepções de ciência, entre as quais se destacam as de Thomas Kuhn e Imre Lakatos.^{6,7}

A visão contemporânea (Lakatos), pode ser resumida no seguinte texto de Chalmers:

*"É um erro tomar a falseação de conjeturas ousadas e altamente falseáveis como ocasiões de significantes avanços na ciência ... Avanços significantes distinguem-se pela **confirmação de conjeturas ousadas** ou pela **falseação de conjeturas prudentes**. Casos do primeiro tipo são informativos, e constituem uma importante contribuição ao conhecimento científico, exatamente porque assinalam a descoberta de algo previamente não-cogitado ou tido como improvável ... As falseações de conjeturas prudentes são informativas porque estabelecem que o que era considerado pacificamente verdadeiro é de fato falso ... Em contraste, pouco se aprende com a falseação de uma conjetura ousada ou da confirmação de uma conjetura prudente. Se uma conjetura ousada é falseada, então tudo o que se aprende é que mais uma idéia maluca mostrou-se errada ... Semelhantemente, a*

⁵ Alberto Mesquita Filho. A ciência e seus princípios.

⁶ Silvio Chibeni. O que é ciência.

⁷ Paulo Lee. Ciência versus pseudociência. p. 32.

confirmação de hipóteses prudentes ... indica meramente que alguma teoria bem estabelecida e vista como não-problemática foi aplicada com sucesso mais uma vez".⁸

O mesmo Chalmers esclarece a estrutura de um programa de pesquisa segundo essa concepção:

*"Um programa de pesquisa lakatosiano é uma estrutura que fornece um guia para futuras pesquisas, tanto de maneira positiva, como negativa. A heurística negativa de um programa envolve a estipulação de que as assunções básicas subjacentes ao programa, que formam o seu núcleo rígido, não devem ser rejeitadas ou modificadas. Esse **núcleo rígido** é resguardado contra falseações por um **cinturão protetor** de hipóteses auxiliares, condições iniciais, etc. A heurística positiva constitui-se de prescrições não muito precisas que indicam como o programa deve ser desenvolvido... Os programas de pesquisa são considerados progressivos ou degenerantes, conforme tenham sucesso, ou persistentemente fracassem, em levar à descoberta de novos fenômenos."⁹*

A Figura 1 apresenta uma representação do programa lakatosiano, que na prática se aplica da seguinte maneira: por uma decisão metodológica de seus protagonistas o núcleo rígido de um programa de pesquisa é “decretado” não-refutável. Possíveis discrepâncias com os resultados empíricos são eliminadas pela modificação das hipóteses do cinturão protetor. Essa regra é a heurística negativa do programa, e tem a função de limitar, metodologicamente, a incerteza quanto à parte da teoria atingida pelas “falseações”. Assim, as hipóteses auxiliares são prioritariamente revistas quando há uma refutação. Este procedimento cria condições para a consolidação das hipóteses centrais, dando efetiva possibilidade de continuidade para um programa, o que não impede que sejam essas hipóteses também substituídas quando ficar claro que não podem mais abarcar o problema em foco.

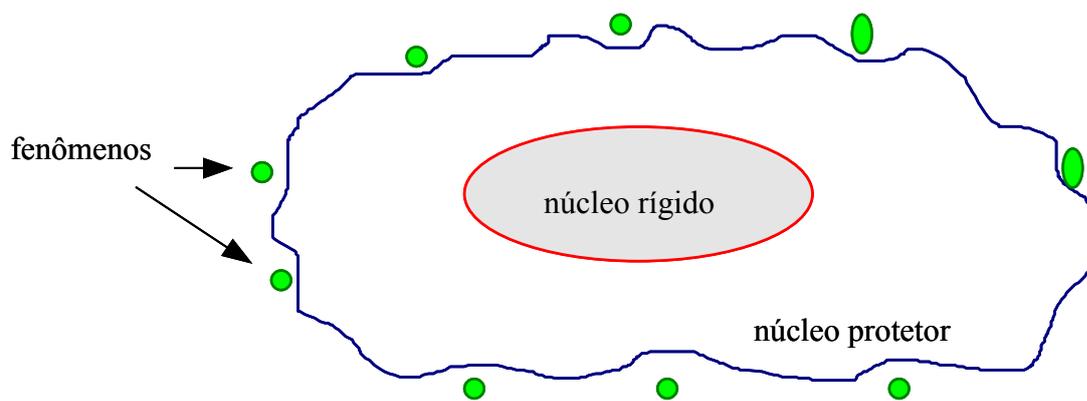


Figura 1 – Programa de pesquisa lakatosiano¹⁰

Recentemente, alguns estudiosos do espiritismo desenvolveram estudos voltados à discussão do conhecimento espírita e da ciência espírita. Entre eles pode ser destacado o artigo de Reinaldo Di Lucia intitulado "Espiritismo: revelação ou descoberta?", apresentado no XVIII

⁸ A. F. Chalmers. *What is this thing called science?*

⁹ A. F. Chalmers. *What is this thing called science?*

¹⁰ A. F. Chalmers. *What is this thing called science?*

Congresso Espírita Pan-americano, da Confederação Espírita Pan-americana.¹¹ São apresentados a seguir alguns conceitos apresentados por Di Lucia, que servem, tanto quanto a discussão sobre ciência acima exposta, de base para o que este trabalho propõe:

- ♣ Kardec caracterizou o espiritismo como ciência positiva (baseia-se em fatos e utiliza o método experimental),
- ♣ Kardec atribuiu também o caráter de ciência filosófica ao espiritismo (não é uma ciência exata, e a partir das observações define-se "toda uma cosmovisão", além de uma "discussão ética, axiológica e escatológica",
- ♣ Kardec deu ao espiritismo o caráter de revelação científica (obtida pelos homens, através de seus estudos e pesquisas), não sendo uma revelação no sentido usual do termo, mas sim descoberta,
- ♣ o método científico ainda hoje vigente compõe-se de quatro características: experimentação, universalidade, critério de falseabilidade e quantificação.

O contexto científico aqui apresentado, sobretudo o progresso do conceito de ciência, dá base para compreender a importância do método de estudo de caso. Ele se apresenta, nos dias de hoje, como importante instrumento de descoberta, já sendo aplicado em várias áreas de pesquisa. Antes de melhor caracterizá-lo, no entanto, é necessária uma discussão breve sobre pesquisa e método.

2.2 Pesquisa e método de pesquisa

A pesquisa científica se motiva pela busca do conhecimento. Pode ser definida como a exploração, a inquirição e o procedimento sistemático e intensivo que têm por objetivo descobrir, explicar e compreender os fatos que estão inseridos ou que compõem certa realidade.¹² W. Booth e outros propõem que pesquisar é simplesmente “*reunir informações necessárias para encontrar resposta para uma pergunta e assim chegar à solução de um problema*”.¹³ A pesquisa científica se caracteriza pela busca sistemática de respostas, e o relato dos dados, métodos e conclusões.

Este conceito pode ser mais bem entendido através da identificação de possíveis objetivos de uma pesquisa. Sérgio de Luna exemplifica os seguintes:¹⁴

- demonstração de existência (ou ausência) de relações entre diferentes fenômenos,
- estabelecimento da consistência interna entre conceitos dentro de uma dada teoria,
- desenvolvimento de novas tecnologias ou demonstração de novas aplicações de tecnologias conhecidas,
- aumento da generalidade do conhecimento,

¹¹ Reinaldo Di Lucia. *Espiritismo: revelação ou descoberta?* p.207-224.

¹² Aidil Barros e Neide Lehfel. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. p. 30.

¹³ W. C. Booth et al. *A arte da pesquisa*. p. 7.

¹⁴ Sérgio V. de Luna. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. p. 15.

- descrição das condições sob as quais um fenômeno ocorre.

Ao propor uma discussão sobre o problema do método na pesquisa espírita, há a necessidade de levantar uma questão prévia: qual a diferença entre pesquisa científica e senso comum? Pervez Ghaury e outros, ao destacar essa questão em seu estudo sobre a pesquisa na área de administração concluem que¹⁵:

- } a pesquisa não é muito diferente da solução de problemas práticos,
- } pesquisa é diferente de senso comum porque é feita sistematicamente, visa alcançar objetivos específicos e baseia-se em métodos específicos,
- } o processo de pesquisa (que envolve decidir o que fazer, coletar informações, descartar informações irrelevantes, analisar as informações relevantes e buscar uma conclusão de forma sistemática) pode ser aplicado para qualquer processo de acumulação de conhecimento,
- } a diferença entre uma observação científica e uma observação baseada em posição pessoal é que a pesquisa científica é feita sistematicamente e é baseada na lógica, não em crenças.

As conclusões de Ghaury, análogas às expostas por estudiosos de outras áreas, podem ser aplicadas também para o contexto da pesquisa espírita. O pesquisador de qualquer área possui crenças, experiência, e precisa, apesar disso, estabelecer um processo de pesquisa baseado na lógica e instrumentos objetivos (não subjetivos) de análise. A pesquisa deve ser, portanto, o mais possível, impessoal.

A segunda conclusão, em particular, é muito relevante para a pesquisa espírita, já que seu objeto de estudo – a alma dos vivos e o espírito dos mortos – tem natureza peculiar e seu estudo necessita de método adequado, observação já feita por Kardec:

*“As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem”.*¹⁶

Herculano Pires complementa o alerta kardequiano mostrando que essa questão está também presente em outras áreas:

*“Encarando a obra de Kardec pelo seu aspecto científico, sem os preconceitos que têm impedido a sua justa avaliação, ela nos parece inatacável. Alega-se que o seu método de pesquisa não era científico, mas foi ele o primeiro a explicar que não se podiam usar na pesquisa psíquica os métodos das ciências físicas. O desenvolvimento da Psicologia provaria mais tarde que Kardec estava com a Razão”.*¹⁷

¹⁵ Pervez Ghaury. *Research methods in business studies: a practical guide*. p. 5-6

¹⁶ Allan Kardec. *O livro dos espíritos*. p. 28-29.

¹⁷ José Herculano Pires. *Introdução à filosofia espírita*. p. 25

Além da psicologia, também as ciências sociais, a economia, a medicina e outras disciplinas científicas necessitam, pela particularidade de seu objeto de estudo, de métodos específicos.

Ghaury mostra também que há dois caminhos para estabelecer o que é verdadeiro ou falso e desenhar conclusões^{18,19}:

- } pela *indução*, tiramos conclusões gerais a partir de observações empíricas (quando usamos fatos para gerar uma teoria a ele consistente, estamos usando um pensamento indutivo, muitas vezes o primeiro passo numa pesquisa científica),
- } pela *dedução*, tiramos conclusões baseados em princípios e leis, a partir de raciocínio lógico, procurando observar as conseqüências específicas de uma teoria formulada.

"A diferença [entre dedução e indução] é que fatos adquiridos através de observações levam-nos a teorias e hipóteses, enquanto com a dedução (análise lógica) nós aceitamos ou rejeitamos as hipóteses".²⁰

Ghaury estuda ainda como abordar um problema de pesquisa, concluindo que duas questões devem ser respondidas pelo pesquisador:

- } qual é o problema e
- } como deve proceder para resolver o problema²¹.

Uma das maiores dificuldades da pesquisa está na clara caracterização de seu objetivo (relacionado à primeira questão). A segunda questão remete para a escolha e a caracterização de um método de pesquisa. O foco específico deste trabalho é o de contribuir com a solução da segunda questão, apresentando um dos métodos aplicáveis à pesquisa espírita: o de estudo de caso.

Em relação ao método, é adotado neste trabalho o seguinte conceito, proposto por Alves-Mazzotti:²²

"Um método pode ser entendido como uma série de regras para tentar resolver um problema. No caso do método científico essas regras são bem gerais".

2.3 Elementos básicos de uma pesquisa

Qualquer que seja o referencial teórico ou método adotado, pode-se resumir os elementos essenciais de uma pesquisa científica aos apresentados no Quadro 1. Toda pesquisa os contém, numa ou noutra forma.

¹⁸ Pervez Ghaury e outros. *Research methods in business studies: a practical guide*. p. 5.

¹⁹ David Nakano e outros. *Métodos de pesquisa na Engenharia de Produção*. p. 2.

²⁰ Pervez Ghaury e outros. *Research methods in business studies: a practical guide*. p. 6.

²¹ Idem. *ibidem*. p. 11.

²² Alves-Mazzotti e Fernando Gewandsznajder. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*.

Quadro 1 – Elementos de uma pesquisa²³

FASE	Requisito
PROBLEMA	1. Formulação de um problema de pesquisa.
PROCEDIMENTO	2. Determinação das informações necessárias para encaminhar as respostas às perguntas feitas.
	3. Seleção das melhores fontes dessas informações.
	4. Definição de um conjunto de ações que produzam essas informações.
RECORTE DA REALIDADE	5. Seleção de um sistema para tratamento dessas informações.
	6. Uso de um sistema teórico para interpretação delas.
RESPOSTAS	7. Produção de respostas.
	8. Indicação do grau de confiabilidade das respostas obtidas.
GENERALIZAÇÃO	9. Indicação da generalidade dos resultados, isto é, a extensão dos resultados obtidos.

O ponto de partida de uma pesquisa é a existência e a clara identificação de um problema de pesquisa (item 1), isto é, de um conjunto de perguntas que se pretende responder, e cujas respostas mostrem-se novas e relevantes, teórica e/ou socialmente. Um exemplo, no âmbito da pesquisa espírita: *como se processa o fenômeno mediúnico?* Uma questão mais específica poderia ser: *como se processa a influência do espírito no momento da comunicação mediúnica?*

Fundamental para qualquer pesquisa, o problema a ser focalizado é identificado com mais clareza se o pesquisador estiver embasado nos fundamentos teóricos que envolvem o problema. O conhecimento já existente e consolidado sobre a área de pesquisa é a base para a formulação de novos problemas.

A coleta de informações é feita com base em um planejamento (quais são as informações necessárias para construir as respostas? quais são as melhores fontes?) e a identificação dos procedimentos para ação (itens 2, 3 e 4).

As informações obtidas de várias fontes selecionadas (ex. observações empíricas, transcrições de entrevistas, respostas de questionários, levantamento histórico) necessitam ser submetidas a tratamento que lhes dê sentido e abram o caminho para a obtenção de conhecimento ainda não existente (itens 5 e 6).

A produção de respostas a perguntas formuladas pelo problema enfrenta um grande desafio em todas as pesquisas: a avaliação objetiva do grau de confiabilidade das respostas obtidas: por que aquelas respostas, nas condições da pesquisa, são as melhores respostas possíveis? Por que as respostas alternativas foram descartadas? (itens 7 e 8) Os resultados observados estão sujeitos a interpretações dos pesquisadores, o que exige que esteja clara que são adequadas para o problema

²³ Sérgio V. de Luna. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*.

em foco e para o contexto do estudo. As crenças do pesquisador são muitas vezes um empecilho para a livre interpretação das informações e a construção de respostas.

No âmbito da pesquisa espírita, permeada muitas vezes por convicções dos pesquisadores (ordinariamente embasadas na crença e na fé, mais que na razão), o viés de interpretação pode ocorrer desde o momento em que é formulado um projeto. É comum vermos projetos de pesquisa apresentados com o intuito de demonstrar algo (ex. provar que o espírito de um morto pode se comunicar) e não com o intuito de descobrir algo (ex. podem os mortos se comunicar?)

O último elemento (item 9) trata da questão da generalização dos resultados, que deve ser feita com extremo cuidado. Em princípio o pesquisador só pode considerar os resultados válidos nas condições sob os quais a pesquisa foi realizada. Um exemplo: numa pesquisa sobre a influência do médium nas comunicações mediúnicas realizada com certo grupo de médiuns de um certo grupo mediúnico os resultados obtidos valem, até prova em contrário, para aquele grupo. Novas pesquisas análogas podem e devem ser realizadas em outros contextos, para buscar identificar o grau de generalidade dos resultados.

2.4 Classificação das pesquisas científicas

Há diversas classificações para pesquisas. Para efeito deste estudo pode ser adotada a classificação apresentada no Quadro 2.

Quadro 2 – Tipos de pesquisas^{24,25,26}

Tipo de pesquisa	Descrição sucinta
QUANTO AOS FINS (I)	
Teórica	O objetivo é desvendar conceitos, discussões polêmicas e teóricas.
Metodológica	Volta-se ao estudo de métodos e de questões metodológicas. Ocupa-se dos modos de fazer ciência.
Empírica	Relacionada a levantamento de dados empíricos para comprovação ou não de uma hipótese. Codifica a face mensurável da realidade.
QUANTO AOS FINS (II)	
Pura ou Básica	Identifica-se com a pesquisa teórica acima. Tem por finalidade conhecer por conhecer.
Aplicada ou Prática	Contribui para fins práticos. O pesquisador é movido pela necessidade de conhecer para a aplicação imediata de seus resultados.
QUANTO À NATUREZA	
Trabalho científico original	Realizada pela primeira vez. Contribui para evolução do conhecimento em determinada área da ciência.
Resumo de assunto	Dispensa a originalidade, mas não o rigor científico.

²⁴ Aidil Barros e Neide Lehfel. *Projeto de pesquisa: propostas metodológicas*. p. 33.

²⁵ Robert Yin. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. p. 19-30.

²⁶ FSA. *Processo de pesquisa*. p. 1-4.

Tipo de pesquisa	Descrição sucinta
QUANTO AOS OBJETIVOS	
Exploratória	Tem como finalidades proporcionar maiores informações sobre o assunto que se vai investigar; facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto.
Descritiva	O objetivo primordial é a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então o estabelecimento de relações entre variáveis. Incluem-se entre as pesquisas descritivas a maioria daquelas desenvolvidas nas ciências humanas e sociais, tais como, as pesquisas de opinião, mercadológicas, os levantamentos sócio-econômicos e psicossociais.
Explicativa	São mais complexas, pois, além de registrar, analisar, classificar e interpretar os fenômenos estudados, têm como preocupação central identificar seus fatores determinantes. É o tipo que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas e por este motivo está mais sujeita a erros. São os resultados das pesquisas explicativas que fundamentam o conhecimento científico.
QUANTO AOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS ADOTADOS PARA ESTUDO DO OBJETO	
Bibliográfica	Desenvolvida a partir do material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Permite obter conhecimentos já catalogados em bibliotecas, editoras, Internet, videotecas etc.
Documental	Fundamenta-se no levantamento de documentos, escritos ou não, de primeira mão, isto é, que não se prestaram ainda, para o embasamento de uma pesquisa.
De campo	O investigador assume o papel de observador e explorador, coletando diretamente os dados no local (campo) em que se deram ou surgiram os fenômenos.
Experimental	Manipula uma ou mais variáveis independentes (causas) sob controle, a fim de se observar e interpretar as realizações e as modificações ocorridas no objeto-estudo (efeito). Faz o teste de hipóteses através de um experimento controlado no laboratório ou no campo, realizado de forma a produzir os dados necessários. É mais utilizada nas ciências físicas.
Ex-pos-facto ou Quase-experimental	Baseia-se nos princípios da pesquisa experimental, com a diferença que o pesquisador não tem controle sobre as variáveis.
Levantamento	Coleta de dados referentes a uma dada população a partir de uma amostra selecionada dentro de critérios estatísticos. Não há a intervenção do pesquisador. A análise de dados exige tratamento estatístico
Estudo de caso	Estudo profundo e exaustivo de determinados objetos ou situações (v. próximo capítulo).
Pesquisa-ação	Tem estreita vinculação com uma ação ou resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.
Pesquisa participante	Realizada mediante a integração do pesquisador, que assume uma função no grupo a ser pesquisado, mas sem obedecer a uma proposta predefinida de ação. O objetivo é obter conhecimento mais profundo do grupo.

Antes de apresentar o método de estudo de caso, os próximos itens apresentam os métodos de pesquisa quantitativos (também chamados tradicionais) e qualitativos.

2.4.1 Métodos quantitativos

Os métodos quantitativos utilizam-se de um processo cíclico bem estruturado, cujas fases principais são²⁷:

- | teoria (formulação de explicações acerca de algum aspecto da realidade),
- | hipótese (formulada pelo uso da dedução, que apresenta uma relação causa-efeito e possui conceitos que possam ser medidos),
- | observações e coleta de dados,
- | análise dos dados,
- | conclusões,
- | nova teoria e assim por diante.

Os métodos mais ligados a esse tipo de pesquisa são:

- | a pesquisa experimental, e
- | o levantamento.

2.4.2 Métodos qualitativos

Os métodos qualitativos, que têm sido fortemente utilizados nas ciências sociais e, mais recentemente, em outras áreas como a economia, possuem características que as diferenciam dos tradicionais, entre as quais destacam-se²⁸:

- | a ênfase na pessoa que está sendo pesquisada (sobretudo sua interpretação),
- | a importância do contexto do grupo ou organização pesquisados,
- | a proximidade do pesquisador em relação aos fenômenos estudados e
- | um quadro teórico menos estruturado.

Entre os métodos qualitativos podemos citar a pesquisa-ação e o estudo de caso. Este está discutido com mais detalhes no próximo capítulo.

A pesquisa-ação é realizada juntamente com uma ação ou resolução de um problema. Os pesquisadores desempenham um papel ativo nessa resolução. Thiollent descreve o método de pesquisa-ação da seguinte maneira:

*"A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (...) Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo".*²⁹

²⁷ Alan Bryman. Research methods and organizations studies.

²⁸ Idem. ibidem.

²⁹ Michel Thiollent. Metodologia da pesquisa-ação. p. 14-15.

A pesquisa-ação também pode ser aplicada em pesquisas espíritas. Os próprios dirigentes de um grupo mediúnico, por exemplo, podem conduzir uma pesquisa sobre determinado fenômeno com uso desse método. Em trabalho futuro esse método deve ser mais detalhadamente abordado.

2.4.3 Quando cada estratégia é usada

O método de pesquisa deve ser adequado aos objetivos da pesquisa e ao objeto de estudo. Segundo Robert Yin³⁰, há três condições a satisfazer:

- a) o tipo de questão de pesquisa proposto, que pode ser representado pela conhecida série “quem”, “o que”, “onde”, “como” e “por que”
- b) a extensão de controle que o pesquisador tem sobre eventos comportamentais efetivos e
- c) o grau de enfoque em acontecimentos históricos em oposição a acontecimentos contemporâneos.

O Quadro 3 exemplifica os tipos de questão de pesquisa (condição "a"). É fundamental identificar o tipo de questão e alinhá-lo com a estratégia de pesquisa.

Quadro 3 – Tipos de questões de pesquisa e exemplos

Tipo de questão de pesquisa	Exemplos
quem	Quem são os espíritos que participam das reuniões de determinado grupo mediúnico?
o que	(questão exploratória) O que pode ser feito para tornar os centros espíritas mais eficazes? (investigação na linha "quanto" ou "quantos") Quais foram os resultados da reestruturação metodológica dos cursos de espiritismo? Quantos centros espíritas realizam estudos sistemáticos de espiritismo?
onde	Onde se fazem reuniões mediúnicas com métodos consistentes com o método kardequiano?
como	Como se realiza a influência do espírito obsessor sobre uma pessoa? Como determinado grupo de cura conseguiu alcançar certos resultados?
por que	Por que os médiuns chamados de inconscientes não se lembram do teor das comunicações?

São apresentadas no

Quadro 4 as três condições, relacionando-as a cinco estratégias de pesquisa escolhidas.

³⁰ Robert K. Yin. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. p. 24 e sgs.

Quadro 4 – Situações relevantes para diferentes estratégias de pesquisa³¹

Estratégia de pesquisa	Forma de questão de pesquisa	Exige controle sobre eventos comportamentais?	Focaliza acontecimentos contemporâneos?
Experimento	como, por que	sim	sim
Levantamento	quem, o que, onde, quantos, quanto	não	sim
Documental	que, o que, onde, quantos, quanto	não	sim/não
Pesquisa histórica	como, por que	não	não
Estudo de caso	como, por que	não	sim

3 O método de estudo de caso

O método de estudo de caso tem sido usado, de forma mais ou menos sistemática e meticulosa em várias áreas de pesquisa, tais como ciência política, sociologia, psicologia, administração, antropologia, história, economia etc. No entanto, há ainda um estereótipo em relação a ele, como ressalta Yin:

"O estudo de caso há muito foi estereotipado como o 'parente pobre' entre os métodos de ciência social. Os pesquisadores que realizam estudos de caso são vistos como se tivessem sido desviados de suas disciplinas acadêmicas, e suas investigações como se tivessem precisão (ou seja, quantificação), objetividade e rigor insuficientes."³²

Yin aponta o paradoxo entre esse estereótipo e o uso tão freqüente: *"se o método de estudos de caso apresenta sérias fragilidades, por que os pesquisadores continuam a utilizá-lo?"³³* Ele considera que esse estereótipo está equivocado, carecendo apenas que o método seja melhor compreendido, e aplicado de forma adequada.

O estudo de caso documenta e analisa a atividade de uma organização ou de um pequeno grupo dentro dela. Estuda situações onde as fronteiras entre o fenômeno e seu contexto não são claras.

Yin assim define estudo de caso:

"Um estudo de caso é uma investigação empírica que

- *investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando*
- *os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos."³⁴*

³¹ Idem. ibidem. p. 24

³² Idem. ibidem. p. xi.

³³ Idem. ibidem. p. xi.

³⁴ Idem. ibidem. p. 32.

O contexto, como fica claro, também é objeto de investigação, tanto quanto o fenômeno estudado. As interrelações entre o fenômeno e o contexto são observadas e analisadas. Em contraste, o método tradicional da experimentação, por exemplo, deliberadamente separa um fenômeno de seu contexto – este é "controlado em laboratório" – dedicando atenção a algumas variáveis.

Yin observa que comumente há na investigação de estudo de caso uma situação tecnicamente única: muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados. Necessita assim se basear em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir na investigação. O estudo de caso beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para dar direção à coleta e à análise de dados.

3.1 "Como" e "por que"

Muitas pesquisas tradicionais utilizam questões exploratórias (ex. "o que pode ser feito para melhorar os serviços públicos") e/ou quantificadoras (ex. "quais foram as reações das pessoas depois das mudanças"). São questões do tipo "o que".

Os estudos de casos (tanto quanto alguns outros métodos não expostos aqui) aplicam-se com propriedade em situações em que questões explanatórias (do tipo "como" e "por que") são formuladas. *"Isso se deve ao fato de que tais questões lidam com ligações operacionais que necessitam ser traçadas ao longo do tempo, em vez de serem encaradas como meras repetições e incidências."*³⁵

Nos estudos de casos o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e o foco é sobre um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real. Este método visa pesquisar eventos da vida real que não possam ser desvinculados de seu contexto mais amplo.

Há estudos de caso único e de casos múltiplos.³⁶ O estudo de caso único – que apresenta um único caso para um dado problema e referencial teórico – é normalmente utilizado quando se analisam fenômenos de ocorrência rara ou de difícil observação. Já o estudo de casos múltiplos se baseia em replicações de um dado fenômeno.

*"A vantagem do uso de casos múltiplos reside no fato de que estes proporcionam evidências inseridas em diferentes contextos, o que acaba tornando a pesquisa como um todo mais robusta."*³⁷

3.2 Componentes do método de estudo de caso

O desenvolvimento de um projeto de pesquisa é uma etapa difícil no desenvolvimento de estudos de casos, pois o método ainda não foi completamente sistematizado.³⁸ O projeto de pesquisa pode ser visto como um plano de ação para se sair de um conjunto inicial de questões a serem respondidas e chegar às conclusões (respostas) sobre essas

³⁵ Idem. ibidem. p. 25.

³⁶ Sérgio G. Lazzarini. Estudos de caso: aplicabilidade e limitações do método para fins de pesquisa. p. 21.

³⁷ Idem. ibidem. p. 21

³⁸ Robert K. Yin. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. p. 40.

questões. Segundo Nachmias, um projeto de pesquisa é um plano que “conduz o pesquisador através do processo de coletar, analisar e interpretar observações. É um modelo lógico de provas que lhe permite fazer inferências relativas às relações causais entre as variáveis sob investigação. O projeto de pesquisa também define o domínio da generalização, isto é, se as interpretações obtidas podem ser generalizadas a uma população maior ou a situações diferentes”.³⁹

Yin destaca cinco componentes importantes para um projeto de pesquisa de estudo de caso, a saber⁴⁰:

1. A primeira tarefa é definir claramente as **questões do estudo** (na forma “quem”, “o que”, “onde”, “como” ou “por que”, veja Quadro 3). Yin alerta que a estratégia de estudo de caso seja mais provavelmente apropriada para questões do tipo "como" e "por que".
2. O segundo componente é o conjunto de **proposições**, se houver. As questões, embora possuam a essência do que se deseja responder, não apontam para aquilo que se deve estudar: as proposições auxiliam a seguir na direção certa, levantando hipóteses a serem trabalhadas. Ao final da pesquisa, as análises realizadas podem concluir pela confirmação das proposições, por sua negação, ou ainda concluir que não houve dados suficientes para confirmar ou negar. Alguns exemplos: supondo que uma questão de pesquisas seja “como se sentem os espíritos pouco tempo após uma morte violenta”, algumas proposições possíveis seriam: “O espírito pode se lembrar e relatar seus sentimentos e vivências ocorridas durante os primeiros dias após a morte”, “O espírito leva um tempo maior para recobrar sua consciência”, “Os espíritos sentem remorso e arrependimento”
3. A(s) **unidade(s) de análise** constituem o terceiro componente. É uma escolha fundamental para focalizar o estudo de caso e delimitar o problema. Exemplos: um certo médium, um determinado grupo mediúnico, um certo tipo de pessoas (ex. espíritas kardecistas) etc. Em estudo de casos múltiplos várias unidades de análise são pesquisadas. Exemplo: numa pesquisa exploratória para levantar que métodos são efetivamente aplicados nos grupos espíritas para diagnóstico e tratamento da obsessão, as etapas iniciais da pesquisa podem se utilizar de estudos de casos múltiplos. Para um conjunto de grupos selecionado realizam-se minuciosos estudos de casos voltados para levantar as práticas aplicadas em cada um. Numa segunda parte da pesquisa, tendo um quadro de práticas já construído e estruturado, baseado nos estudo de casos e em pesquisa bibliográfica, pode-se desenvolver um questionário e levantar, agora num número maior de grupos, se realizam ou não cada uma das práticas propostas. Na primeira parte da pesquisa (estudo de casos múltiplos) a questão chave é

³⁹ Nachmias & Nachmias, 1992, p. 77-78. Apud Robert K. Yin. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. p. 41.

⁴⁰ Robert K. Yin. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. p. 42.

“como” (“como são feitos o diagnóstico e o tratamento nos grupos estudados”) e na segunda parte (levantamento, ou *survey*) a questão chave é “o que” (quais são as práticas efetivamente aplicadas num grande número de grupos), cabendo nesta fase o uso de métodos quantitativos (estatísticos) para busca de melhor confiabilidade dos resultados.

4. Como quarto componente, descreve-se a **lógica que une os dados às proposições**, ou seja, como os dados devem ser analisados. Estruturam-se aqui as bases lógicas para que a pesquisa construa respostas para a questão proposta.
5. O último componente reúne os **critérios para se interpretar as descobertas**, que subsidiam as decisões necessárias para comparar duas proposições concorrentes.

Com base nesses componentes podem ser propostos alguns itens necessários a um projeto de pesquisa de estudo de caso, apresentados no Quadro 5.

Quadro 5 – Componentes de um projeto de pesquisa de estudo de caso⁴¹

	Componente	Itens a cobrir
1.	Visão geral do projeto	Problema em foco Contexto e abrangência do estudo Objetivos da pesquisa Interessados nos resultados e envolvidos no desenvolvimento Patrocínio
2.	Fundamentos teóricos	Conhecimentos já existentes na área: apresentação e discussão. (Em pesquisas espíritas, em particular, é fundamental estabelecer, como ponto de partida, os conhecimentos já desenvolvidos em outras áreas correlatas. Exemplo: em estudo sobre a depressão, os estudos já desenvolvidos pela medicina e pela psicologia necessitam ser estudados e discutidos.) Bibliografia: textos de referência pesquisados e leituras importantes sobre o tópico em foco.
3.	Questão e/ou questões de pesquisa	Questão geral da pesquisa. Questões específicas, que detalham e complementam a questão geral. O pesquisador deve manter em mente essas questões ao coletar os dados. Planilha das questões, com disposição específica de dados.
4.	Proposições	Proposições identificadas. Justificativa e fundamentação de cada proposição. Análise crítica de cada proposição (está clara? concisa? é possível avaliá-la objetivamente? é possível negá-la?)

⁴¹ Baseado em Robert K. Yin. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. p. 42

	Componente	Itens a cobrir
5.	Unidade(s) de análise(s)	<p>Critérios para escolha da(s) unidade(s) de análise.</p> <p>Para cada unidade de análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificação - Características gerais - Fontes em potencial de informações (pessoas ou espíritos a serem entrevistados, documentos, fitas, vídeos etc). - Descrição estruturada de informações secundárias (vindas de fontes secundárias, tais como sites, revistas, jornais, folhetos, depoimentos publicados, pesquisas prévias etc.)
6.	Bases para a construção de respostas	<p>Lógica que une os dados às proposições.</p> <p>Guia para análise e interpretação das descobertas.</p>
7.	Procedimentos de campo	<p>Credenciais e acesso aos locais de estudo.</p> <p>Procedimentos e formulários gerais, válidos para todas as unidades de análise.</p> <p>Procedimentos e formulários específicos para cada unidade de análise.</p> <p>Banco de dados com registro dos dados, suas análises e interpretações.</p>
8.	Resultados	<p>Resultados detalhados e estruturados</p> <p>Análise e interpretação dos resultados</p> <p>Análise das proposições</p> <p>Análise e respostas à(s) questão(ões) de pesquisa</p> <p>Resultados gerais e conclusões da pesquisa</p>
9.	Relatório da pesquisa	<p>Resumo</p> <p>Documentação dos componentes da pesquisa, envolvendo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Visão geral - Objetivos - Fundamentos teóricos - Metodologia - Planejamento do estudo de caso <p>[* Questão e/ou questões de pesquisa</p> <ul style="list-style-type: none"> * Proposições * Unidade(s) de análise(s) * Bases para a construção de respostas * Procedimentos de campo] - Execução do estudo de caso <p>[* Procedimentos realizados</p> <ul style="list-style-type: none"> * Resultados * Análise das proposições * Respostas para a(s) questão(ões) de pesquisa]

3.3 Limitações do método

Alguns estudiosos do método de estudo de caso apontam suas principais limitações⁴²:

- } é altamente sujeito as análises intuitivas e incontroláveis,
- } é relativamente fácil de ser executado sem maiores preocupações metodológicas,
- } exige maior habilitação do pesquisador,
- } a amostra em geral é pequena, dificultando tratamento estatístico.

Apesar dessas dificuldades, o método de estudo de caso, sistematicamente aplicado, permite uma compreensão profunda das interrelações de um problema, tornando-se muito útil sobretudo quando o objetivo é auxiliar na elaboração ou no aprimoramento de teorias.⁴³

4 Exemplo de projetos de pesquisa: animismo

[Exemplo a ser desenvolvido.]

Foco: identificação e diferenciação do fenômeno no contexto das reuniões mediúnicas

4.1 Visão geral

4.2 Objetivos

4.3 Fundamentos teóricos

4.4 Questão e/ou questões de pesquisa

4.5 Proposições

4.6 Unidade(s) de análise(s)

4.7 Bases para a construção de respostas

4.8 Procedimentos de campo

5 Exemplo de projetos de pesquisa: obsessão

[Exemplo a ser desenvolvido.]

Focos: caracterização e diferenciação, diagnóstico, tratamento

5.1 Visão geral

⁴² Sérgio G. Lazzarini. Estudos de caso: aplicabilidade e limitações do método para fins de pesquisa. p. 24.

⁴³ Idem. ibidem. p. 24.

5.2 Objetivos

5.3 Fundamentos teóricos

5.4 Questão e/ou questões de pesquisa

5.5 Proposições

5.6 Unidade(s) de análise(s)

5.7 Bases para a construção de respostas

5.8 Procedimentos de campo

6 Conclusões

A preparação de um projeto de pesquisa requer, sempre, um estudo aprofundado do assunto, para permitir maior domínio das variáveis envolvidas na pesquisa. Para um estudo de caso, que em geral parte de um modelo teórico mais aberto e menos formalizado, essa preparação é fundamental. Para qualquer projeto proposto é necessário, para identificação das questões e proposições, bom conhecimento prévio dos trabalhos de pesquisa realizados anteriormente na área.

A análise do modelo de protocolo proposto no item 3.2 permite concluir que o método de estudo de caso pode ser aplicado na pesquisa espírita, sobretudo em situações em que as questões-chave de pesquisa são "como" e "por que".

É necessário, como próximos passos:

- | desenvolver e detalhar os projetos de pesquisa propostos,
- | Adequar os procedimentos às características de cada contexto de estudo, e facilitando assim sua aplicação mais ampla,
- | aplicá-lo em contextos e grupos diversos,
- | estabelecer intercâmbio entre os grupos,
- | aperfeiçoar a teoria e propor novos estudos de casos.

Alguns projetos de pesquisa podem ser propostos pelos estudiosos e pelos grupos espíritas. O CPDoc está desenvolvendo um projeto de pesquisa sobre obsessão, que visa contribuir para sua caracterização, diagnóstico e tratamento. Os grupos interessados neste e em outros trabalhos de pesquisa estão convidados a se integrar a eles, entrando em contato com os autores ou com o CPDoc.

Referências bibliográficas

- ALVES-Mazzotti; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001. Apud LEE (2003).
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. *Projeto de pesquisa: Propostas metodológicas*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. *A arte da pesquisa*. Trad. H. A. R. Monteiro. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRYMAN, Alan. *Research methods and organization studies*. London: Unwin Hyman, 1995.
- CHALMERS, A.F. *What is this Thing called Science?* St. Lucia, University of Queensland Press, 1976. Apud CHIBENI (2004).
- CHIBENI, Silvio Seno. O que é ciência? *Textos didáticos*. Disponível em www.unicamp.br/~chibeni (acesso em 20/04/2004).
- DI LUCIA, Reinaldo. Espiritismo: revelação ou descoberta? In: Comissão Organizadora do XVIII Congresso Espírita Pan-Americano. *A CEPA e a atualização do espiritismo*. Porto Alegre: CCEPA, 2001. p. 207-224.
- FSA – Faculdade Santo Agostinho. *Processo de pesquisa*. Disponível em www.fsanet.com.br/canais/posgraduacao/pesquisa/
- GHAURY, Pervez; GRONHAUG, Kjell; KRISTIANSLUND, Ivar. *Research methods in business studies: a practical guide*. Prentice-Hall, 1995.
- HENSLER, Deborah R. et alli. Case study methodology. In: *Class action dilemmas: pursuing public goals for private gain*. Appendice D. Disponível em www.rand.org/publications/MR/MR969 (acesso em 20/12/2003).
- KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 3ª ed. Trad. J. Herculano Pires. Edicel: São Paulo, 1982.
- LAZZARINI, Sérgio Giovanetti. Estudos de caso: aplicabilidade e limitações do método para fins de pesquisa. *Economia & empresa*, v. 2, n. 4, p. 17-26, out/dez 1995.
- LEE, Paulo. *Ciências versus pseudociências*. Curitiba: Expoente, 2003.
- LUBBE, Sam. The development of a case study methodology in the Information Technology (IT) field: a step by step approach. Disponível em www.acm.org/ubiquity/views/v4127_lubbe.pdf (acesso em 20/12/2003).
- LUNA, S. V. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1998.
- MESQUITA FILHO, Alberto. A ciência e seus princípios. *Ensaio sobre filosofia da ciência*. Disponível em www.ecientificocultural.com (acesso em 20/04/2004).
- NAKANO, Davi Noboru; FLEURY, Afonso Carlos Corrêa. Métodos de pesquisa na Engenharia de Produção. In: ENEGEP – ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, XVI, Piracicaba, 1998. *Anais*. Piracicaba: UNIMEP/ABEPRO, 1996 (CD-ROM).
- PIRES, J. Herculano. *Introdução à filosofia espírita*. São Paulo: Paidéia, 1983.
- ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. *Projetos de estágio e de pesquisa em administração: guia para estágios, trabalhos de conclusão, dissertações e estudos de caso*. Colaboração Grace Vieira Becker, Maria Ivone de Mello. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- TELLIS, Donna M. Application of a Case Study Methodology. *The qualitative report*. Vol. 3, n. 3, Sep 1997. Disponível em www.nova.edu/ssss/QR/ (acesso em 20/12/2003).
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 9. ed. Cortez Editora, 2000.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.
- ZUCKER, Donna M. Using case study methodology in nursing research. *The qualitative report*. Vol. 6, n. 2, June 2001. Disponível em www.nova.edu/ssss/QR/ (acesso em 20/12/2003).